



Centro Excursionista Petropolitano

www.compuland.com.br/cepetro

cepetro@compuland.com.br

INFORMATIVO MARÇO / ABRIL - 2008



IMPRESSO

Sempre em Frente

ANIVERSARIANTES MAR / ABR

Manoel de Souza Lordeiro	11/03
Paulo Vitor Penna da Rocha	13/03
Luciano Bender da Silva	15/03
Adriano Peixoto Alves Soares	16/03
Fernando Fernandes Varanda	25/03
Leonardo Salvatore	04/04
Raquel Oliveira de Lucena	04/04
Frederico Luiz Marmo Fadini	07/04
Gustavo Correa M. T. do Prado	14/04
Endre de Gyalokay	14/04
Jaci Francisco da Fonseca Correa	16/04
Waldyr Garcia de Oliveira Neto	17/04
Daniela Vogel	20/04



LEMBRETE

Segundo o Art. 23º do Capítulo V dos Estatutos dos CEP, “o sócio que se atrasar no pagamento de suas mensalidades terá suspensos os seus direitos sociais, e o que se mantiver neste atraso por mais de 3 meses será passível de eliminação do Quadro Social”. Portanto, pague suas mensalidades em dia, colaborando para que o CEP se mantenha organizado.

PARNA – SO

Excursões, abertura de novas trilhas de caminhada ou novas vias de escalada, dentro dos limites do Parque, deverão ser solicitadas à direção, por escrito, conforme determinações no site www.ibama.gov.br/parnaso

MARIA COMPRIDA

Excursões deverão ser solicitadas ao proprietário do terreno por onde passa a trilha que leva à Maria Comprida, com 72 horas de antecedência.

Jaime Delcueto - tel (21) 2549.7890 / (24) 2225.0455 / cel (24) 9212.4422

E-mail: delcueto@visualnet.com.br

TAXAS

Mensalidade	R\$ 15,00
Matricula	R\$ 30,00
Menor de 18 anos (bimensal)	R\$ 15,00
Excursão p/ não sócios	R\$ 30,00

Este boletim é um informe bimestral, destinado não somente aos associados do CEP, mas a todo o excursionismo brasileiro, sem fins lucrativos, assim como a entidade a qual representa. Os artigos nele contidos refletem a posição dos autores e não necessariamente da instituição. O CEP não se responsabiliza pela má interpretação dos artigos aqui contidos, nem pelo uso ou mau uso deles. Segundo o Art. 71º de seus Estatutos, “o CEP não se responsabiliza por acidentes pessoais ocorridos durante as excursões”. Matérias são bem vindas, preferencialmente em arquivo, a fim de facilitar o trabalho de edição. A reprodução do conteúdo deste boletim pode ser feita, desde que mencionado o nome do CEP, o mês e o autor.

EXPEDIENTE

Presidente:	Lourenço Fróes
Diretor Adm/Finan:	Carlos Alexandre
Diretor Técnico:	Paulo Lúcio Tesh
Diretor Comunicação:	Marco Telles

Fundado em 15 de maio de 1958

Rua Irmãos D'Angelo, 39 s/l 05 - Centro Petrópolis, RJ - CEP: 25685-330

Aberto às segundas, sextas e sábados das 19:00h às 21:00h

De Utilidade Pública – Sede Própria.

Tel (0xx24) 2231-9557

www.compuland.com.br/cepetro

cepetro@compuland.com.br

PROGRAMAÇÃO DE MARÇO E ABRIL DE 2008



Dia	Atividade	Localização	Guia	Classificação
01/03	Pedra do Cone (1.342)	Serra dos Órgãos – Bonfim	Paulinho	Leve
02/03	Cabeça de Cachorro	Serra dos Órgãos - Florália	Diego Borré	Esc. diversas
02/03	Pilatos (1.969)	Serra dos Órgãos - Jacó	Fabiano / Fred	Semi-pesada
08/03	Paredão Vogel	Morro da Formiga	Paulinho	2º IIIsup
08/03	CG - Montanhismo e Cordas e Nós	Matriz da ALPITEC	Adriano Fiorini Adriano Peixoto	
09/03	CG - Jacuba Menor (1.385)	Serra do Taquaril – Brejal	Paulinho	Leve-sup c/ rappel
15/03	Morro da Babilônia	Urca – Rio de Janeiro	Waldyr Neto	Esc. diversas
15/03	Reunião GT Acesso	Sede do CEP às 17h		
16/03	Pr. Manda-chuva	Morro da Formiga	Carlos Alexandre	4º V
21/03 a 23/03	Pedra Aguda	Bom Jardim	Alexandre Motta / Waldyr Neto	
22/03	Pedra do Cortiço (1.021)	Serra da Estrela	Paulinho	Leve
23/03	Vale da Lua	BR 495 – km 3,5	Efraim Alves	Pedalada
29/03	Reunião Corpo de Guias	Sede do CEP às 18h		
30/03	Pr. Petrópolis	Morro da Formiga	Lourenço Fróes	4º IVsup
04/04	CG – Proteções Móvel	Sede da SOPEF	André Ilha	
05/04	CG – Proteções Móvel	Sede da SOPEF	André Ilha	
06/04	CG – Aula de Proteções Móvel	Pedra de Guaratiba – Rio de Janeiro	André Ilha	Esc. diversas
12/04	Pico da Tijuca (1.021)	Serra da Tijuca	Waldyr Neto	diversas
13/04	Passeio Fotográfico no Meu Castelo (1.245)	Serra da Estrela	Julian / SOPEF	Leve
13/04	Pr. Quarup	BR 040 km 69	Marcelo Theobald	2º III C
19/04	Agulha Beija-flor	Serra dos Órgãos - Teresópolis	Marcelo Garcia	Leve
20/04	Palmares	Vale das Videiras - Araras	Fabiano Macedo	Leve-superior
19/04 a 21/04	Pico da Bandeira (2.890)	Serra do Caparaó	Jaci Fonseca	Pesada
26/04	Jacuba Maior (1.513)	Serra do Taquaril - Brejal	Marcelo Garcia	Semi-pesada
27/04	ATM 2008 – Abertura da temporada de escalada	Praia Vermelha - Urca		

FESTA DO CINQUENTENÁRIO

Dia 17 de maio de 2008

Adquira já seu convite na sede do CEP!



Sempre em Frente

PROGRAMAÇÃO ANUAL 2008

Dia	Atividade	Guia
21/03 a 23/03 (Semana Santa)	Pico da Bandeira	Jací Correa
27/04	Abertura da temporada de Montanhismo	
17/05	Festa de Aniversário de 50 Anos do CEP	
20/06 a 20/07	Travessia Cordilheira Huayhuashi e Alpamayo (Peru)	Carlos Alexandre
13/12	Assembléia Geral Ordinária	

FOTO DA CAPA: **ESCALADAS NO MORRO DA CABEÇA DE CACHORRO**
FOTOGRAFO: LOURENÇO FRÓES

Novo Estatuto do CEP

Conseguimos cumprir mais uma de nossa metas desse ano, no dia 26/01/2008, quando foi aprovado o novo Estatuto Social do CEP em Assembléia Geral. O Estatuto existente era o original e datava da fundação do clube. O novo estatuto tinha uma série de atualizações necessárias, além da adequação ao novo Código Civil ser um requisito legal, que agora está atendido

Destaco aqui algumas mudanças significativas, mas sugiro que todos leiam na íntegra o documento:

1. Diretoria: temos a composição de um Presidente, um Diretor Administrativo-Financeiro, um Diretor Técnico, um Diretor de Comunicação e um Diretor de Patrimônio;
2. A eleição da Diretoria é direta, através da Assembléia Geral, que se reunirá ordinariamente a cada dois anos com este fim. Com isso os sócios escolhem diretamente quem irá compor a Diretoria. Vale mencionar ainda que um dos benefícios indiretos é que teremos que registrar em cartório somente um livro de ATAs, e somente a cada dois anos, para legitimar as eleições (requisito necessário para diversas atualizações e para abertura de conta em banco, por exemplo);
3. O Conselho Deliberativo passa a se chamar Conselho Consultivo e continua com funções semelhantes, a exceção da eleição da Diretoria;
4. Foram inseridos objetivos para o CEP, com foco na preservação dos ecossistemas e na promoção do desenvolvimento sustentável. Algo que era praticado por nós atualmente, mas não respaldado pelo Estatuto.

Sempre em Frente

Lourenço Lustosa Fróes
Presidente

Acesso ao Monte Florido

No dia 19/01/2008 participei da excursão do Fabiano para o Monte Florido. Pegamos por engano o ônibus “Monte Florido”, imaginando que ele fosse nos levar direto à base das escaladas, no lugar do tradicional “Fragoso”. Seguimos a orientação de uma passageira de outra linha para essa trágica investida...

Percebemos que o caminho do ônibus era um tanto quanto diferente, mas como há muito tempo nenhum de nós havia estado no Monte Florido, não chegamos a concluir que estávamos, simplesmente, no ônibus errado!

Bem, o ônibus “Monte Florido” tem ponto final relativamente próximo ao Monte Florido, mas por uma outra face, diferente daquela onde estão as vias, onde não há escaladas. Descemos no ponto final e, observando o monte, continuamos por um caminho com calçamento, até a base da rocha. No final do caminho encontrava-se uma propriedade, com uma casinha modesta ao centro. Após uma consulta de autorização de entrada à vizinha, seguimos firmes por dentro da propriedade, por onde tentávamos encontrar um caminho para chegar à face correta do monte, já começando a estar mais certos de que tínhamos nos equivocado na rota...

Após cerca de 15 minutos de procura, surge urrando o chefe da casinha modesta, com um olhar nada amigável e um cajado nada modesto! Ele nos encarou como invasores da casa dele! Eu olhava para a vizinha e ela olhava para mim. Eu pensava em entregá-la, porque ela tinha nos autorizado a entrada, mas ao mesmo tempo pensei que colocaria mais um na fogueira. Ela olhava para mim lembrando que foi ela que nos concedeu a passagem e justamente temendo entrar na fogueira!

Bem, após acalmar o urrante cidadão e demonstrar que éramos pacatos escaladores conseguimos sair sem ser marretados pelo cajado! Saímos da propriedade nos despedindo da vizinha, é claro. Descemos até a rua principal e ao chegarmos nos deparamos com o ônibus “Fragoso” que estava passando. Ele sobe em outra rua, que também começa na Estrada da Saudade, mais adiante. Tivemos sucesso em chegar nas escaladas Pr. Casca Fogo e Pr. Belzebu e a escalada foi, finalmente, muito bacana.

Fora a situação tragicômica aqui relatada, como conclusão do assunto, é preciso que tenhamos uma forma legal de tratar do acessos. Mesmo que não seja uma medida que tenha resultado imediato em todos os casos, é uma medida para termos o mecanismo legal adequado para garantir a manutenção dos acessos. Vamos tentar trabalhar essa questão dentro do CEP e posteriormente levar para a discussão em todo o meio montanhístico para definirmos o caminho a ser seguido. E, finalmente, não confie em autorização de passagem de vizinhos! Quem deve autorizar a passagem é o proprietário, por exigência legal que seja.

Lourenço Lustosa Fróes

ANIVERSÁRIOS DE CONQUISTAS EM 2008						
IDADE	DATA	NOME	CLASS.	LOCALIZAÇÃO	UF	CONQUISTADORES
20	01/01/88	CH. SECOS E MOLHADOS	3º IV	GR.4 MORRO DA PEDREIRA	MG	ANDRÉ ILHA / ANDRÉ JACK / LUCIA DUARTE
20	23/01/88	PR. NÓS E A ETERNIDADE	4º VI	M. SÃO JOÃO - BOTAFOGO	RJ	ANDRÉ ILHA / MARCO VIDON
20	12/01/88	PR. DILÚVIO	3º III	PEDRA DO CONE - FACE NW	RJ	JEFERSON COSTA / LIS MARIA RABAÇO / OTTO KÖPTCKE / PAULO CÉSAR
10	18/01/98	PR. NO FIO DA LOUCURA	5º A3 D6	PEDRA DO CORTIÇO	RJ	JEFERSON COSTA / LUCIANO BENDER / REINALDO RABELAIS
25	27/02/83	PR. ÁCIDO LISÉRGICO	VIsup E2	PAREDE DOS ÁCIDOS - FACE N	RJ	ANDRÉ ILHA / DAVID AUSTIN
10	01/02/98	FACE SW PEDRA DO CONE	4º VIsup	PEDRA DO CONE	RJ	MARCEL LEONI / VITOR CHRIST
30	01/03/78	CH. DO PÃO DE AÇÚCAR	2º III E2 D2	PÃO DE AÇÚCAR - FACE E	RJ	ANDRÉ ILHA / ANTONIO MAGALHÃES
25	12/03/83	PR. DANÇA DO SOL	2º IIsup	PEDRA DO QUITANDINHA	RJ	FÁBIO MACEDO / LUIZ CORDEIRO
25	28/04/83	PR. PÁSSAROS DE FOGO	6º VIIa E2 D2	PÃO DE AÇÚCAR - FACE O	RJ	ANDRÉ ILHA / DAVID AUSTIN / SÉRGIO TARTARI
20	26/04/88	PR. FORÇAS OCULTAS	3º VIIsup	M.SÃO JOÃO - BOTAFOGO	RJ	ANDRÉ ILHA / MARCO VIDON
15	01/04/93	VR. V2	IV	MORRO DA FORMIGA	RJ	JEFERSON COSTA / LUCIANO VOGEL
15	16/04/93	VR. BAFO-BAFO	VIsup	MORRO DA FORMIGA	RJ	FRANCISCO BALTER / JEFERSON COSTA / PAULO "MARIOLA"

A partir deste número, estaremos transcrevendo, em partes, um texto extraído do Guia de Escalada de Petrópolis que descreve um pouco da história do CEP nestes 50 anos de existência. Este texto é baseado na livre narração dos autores a partir de textos e entrevistas feitas com André Ilha, Antonio Carlos Magalhães "Tônico", Fábio Macedo, Fábio Muniz, Francisco "Chico" Balter, Jeferson Costa, Luciano Bender, Luiz Cláudio Jatobá, Marcel Leoni, Manoel Lordeiro, Paulo Lucio da Cruz Loureiro, Paulo Lucio Tesch Loureiro e Renato Walter Mattos. Agradecemos ao Paulinho e ao Luciano Bender por autorizar a sua utilização.

Origens do Montanhismo e o Desenvolvimento da Escalada em Rocha em Petrópolis (1a. Parte)

As primeiras manifestações

A presença do botânico escocês George Gardner na Pedra do Sino (2.275m), em 1841, é o mais antigo registro de atividade montanhística em Petrópolis, levando-se em conta que este local, ponto culminante da Serra dos Órgãos, é também convergência das divisas de três municípios: Petrópolis, Teresópolis e Guapimirim. Gardner efetuou a ascensão a partir da fazenda do Dr. March, em Teresópolis, onde hoje é o Bairro do Alto. As cidades de Petrópolis e Teresópolis ainda não existiam. Gardner, em seu livro "*Travels in the interior of Brazil*" (Londres, 1846), relata sua passagem pela povoação de Corrêas, quando em viagem de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, mostrando-se empolgado com a vista do Morro Açu e de montanhas próximas, nostálgico que era das *highlands* escocesas.

O surgimento das associações de montanhismo

A primeira associação de montanhismo da América do Sul foi o Centro Excursionista Brasileiro – CEB, fundado em 1º de novembro de 1919, na cidade do Rio de Janeiro. A segunda agremiação do gênero na América do Sul foi o Club Excursionista de Petrópolis, fundado em 28 de junho de 1931, vindo depois, ainda em 1931, o Club Andino Bariloche nos Andes argentinos. Os pioneiros do CEP foram: Atílio Parin – seu primeiro presidente, Rudolf Haack, os irmãos Oldemar e Eduardo Corrêa da Silva, Roberto Bauer, Arthur de Sá Earp Filho, Alcides Peixoto da Costa, Mario de Freitas, Arlindo Gomes, Heinrich Kugler, J. Schneider, Hugo Nietzsche, A.G. Leander, Raul Fioratti, Leon Kuhlberg e Adolpho Figueiredo Jr., entre outros.

Apesar de seus associados pouco ou nada praticarem a escalada, realizaram o grande feito da conquista da Maria Comprida, em 1933.

Nesta época, destacaram-se também no cenário petropolitano os escaladores Geraldo Fiorini, Hugo Dunley, Nelson Tesch, Mario Olivetti e Rubens Gomes Zannata, auxiliados muitas vezes pelas indicações técnicas de Manoel Lordeiro, que pertencia ao CEB.

A existência desse primeiro CEP foi relativamente curta, sendo extinto, ao que consta, em 1939, ao iniciar-se a Segunda Guerra Mundial, quando os alemães – cuja presença no Clube era marcante – foram impedidos de reunir-se. A última sede desse primeiro CEP foi na Deutsche Sängerbund Eintracht, hoje Sociedade Coral Concórdia, na Rua 13 de Maio 252.

A segunda agremiação do gênero em Petrópolis foi o Centro Excursionista Petrópolis, fundado em 10 de julho de 1945, com sede na Rua 1º de Março, 187 (hoje Rua Roberto Silveira). Eram seus integrantes: Rubens Durão Barbosa (presidente), Hilário dos Santos Pimentel Filho, Rubens Gomes Zanatta, Manoel de Souza Lordeiro, Luiz Felipe Garnet, Francisco Muniz Freire, Maurício Cardoso de Mello e Silva, e Roberto Engert Júnior, entre outros. Também esse segundo CEP teve existência efêmera, não durando mais que cinco ou seis anos. Foi neste período, entretanto, que o montanhismo teve em Petrópolis um impulso considerável, já que, terminada a guerra, não havia mais quaisquer restrições aos seus adeptos. Principalmente sob a liderança de Geraldo Fiorini, petropolitanos tornaram-se assíduos freqüentadores do Dedo de Deus, da Agulha do Diabo, do Pico Maior de Friburgo (Via Silvio Mendes) e da Chaminé Stop, no Pão de Açúcar – os "bichos-papões" da época. Em 1947, foi realizada a 2ª conquista em parede no município de Petrópolis – o Paredão do Retiro, por Gabriel Dunley, Manoel Lordeiro, Geraldo Fiorini, Hugo Dunley e Nelson Tesch.

Em 15 de maio de 1958 fundou-se o atual Centro Excursionista Petropolitano - CEP, tendo como sócios-fundadores: Lucio Vasconcellos, Jesus Carlos Coutinho Bárcia, José Reynaldo Barroso

Fonseca, Antonio Fernando Ramos Coutinho, Celso Coutinho Bárcia, Luiz Carlos Pereira, Arthur Cláudio Barroso Fonseca, Henrique André Lepsch, Paulo Cezar Coutinho Bárcia, Duhi José Ribeiro Ratto e José Luiz Huss. A primeira sede, em imóvel alugado, foi na Rua Paulo Barbosa, 159, sala 12. Após ter passado por vários endereços, o CEP finalmente inaugurou sede própria em 29 de maio de 1966, situada na Rua Irmãos D'Ângelo, 39, sobreloja 5 – endereço que permanece até hoje. Para a compra da sede, os custos foram rateados entre 100 sócios-proprietários.

Com a fundação do Centro Excursionista Petropolitano, pode-se dizer que Petrópolis definitivamente iniciou um movimento montanhístico representativo e duradouro, que se desenvolve até hoje, e no qual o clube desempenha papel de destaque.

Anos 60 – a concepção das primeiras vias de escalada em rocha na cidade

No início dos anos 60, completava-se a formação de um grupo que começava a implantar no CEP a “cultura” de que as montanhas estavam lá para serem escaladas. Cleverson Cabral, Jesus Carlos Coutinho Bárcia, Lúcio Vasconcellos de Oliveira, Márcio Eiras Moraes e Paulo Rocha Soares de Rezende foram, se é que podemos chamá-los assim, os “pais” da escalada em rocha em Petrópolis. Escalando com montanhistas de clubes do Rio de Janeiro, os integrantes desta primeira fase trouxeram novas técnicas e passaram a servir de modelo para os associados do CEP.

Em 21 de abril de 1960, Jesus Carlos Coutinho Bárcia e Álvaro Fernando Varanda conquistavam o Paredão D. Pedro II, no Pico do Cobiçado - a primeira conquista em parede em Petrópolis dentro da concepção de que a escalada não necessariamente deveria existir somente por ser o único acesso para o cume de uma montanha.

Um ano depois, em abril de 1961, Petrópolis concebia mais uma via de escalada. Jayme Quartin Pinto Netto, Virgínio Cordeiro de Mello Junior e Klaus Weber, após algumas investidas, conquistaram a Chaminé Petrópolis, no Morro da Formiga – local que viria a se tornar um dos mais explorados pelos escaladores locais, desde então.

Em uma segunda fase, Petrópolis formava outra “leva” de escaladores, estes ainda mais atuantes, como Endre de Gyalokay, Pedro Eros Kotzeck, Paulo Lucio da Cruz Loureiro e Luiz Carlos Vogel, com destaque para estes dois últimos que foram, certamente, os mais ativos do grupo. Já havia a concepção clara de que a escalada não existia simplesmente para se conquistar cumes virgens, onde outro acesso mais fácil, por caminhada, seria impossível. Mas, pensavam eles, as montanhas poderiam também ser galgadas de uma forma diferente, geralmente pelas faces mais difíceis, ou seja, pelas paredes. Este grupo aumentou muito o nível da escalada na cidade.

Vale ressaltar que ajudou bastante para a formação destes escaladores a orientação de Jesus Carlos Coutinho Bárcia, do Corpo de Guias do Centro Excursionista Rio de Janeiro - CERJ - e do Presidente do então Centro Excursionista Serra dos Órgãos - CESO, Ladislau de Souza Carreiro, o “Lalau”.

Fechando a década de 60, numa terceira fase, além de Endre de Gyalokay, Luiz Carlos Vogel, Paulo Lucio da Cruz Loureiro, também vieram a contribuir Eduardo Moreira Gomes, Gilberto Aloísio Amaro, Nelson Trindade Costa e Roberto Reis Brand.

Neste curto espaço de apenas dois anos, evoluiu-se muito tecnicamente, talvez mais do que a escalada em rocha havia crescido desde a fundação do CEP, dez anos já passados. Destacou-se a conquista de vias como o Paredão Kim-Kim (1969), na Cabeça de Cavalo e a do incrível Teto Penna da Rocha (1969) no Morro do Samambaia – à época considerado o maior do País.

A conquista do Paredão Vogel (1969), também no Morro da Formiga, e do Paredão Ana Paula (1970), no Morro do Samambaia, por serem escaladas que exigiam pouca técnica e possuírem acesso fácil e rápido, foram muito importantes na formação de escaladores em Petrópolis, proporcionando a diversos grupos, inclusive com familiares, um batismo e uma iniciação na parte mais esportiva do montanhismo. Por fim, e se podemos eleger um feito que tenha representado a década, este foi, sem dúvida, a conquista do Paredão 15 de Maio (1968), na Pedra do Cortiço. Foram vários anos de muitas investidas para se vencer, aproximadamente, os 500 metros da parede principal da montanha, dos quais ainda restam até hoje, por ironia do destino, cerca de 15 metros para se atingir o cume! Nesta conquista foi empregado um grande trabalho de equipe, contando com a participação de diversos escaladores da época.

Durante décadas, o 15 de Maio alimentou medos e mitos entre os escaladores. Atualmente, a via aguarda um trabalho de restauração e reestilização, com a substituição de alguns cabos-de-aço, eliminação de grampos em fendas - desnecessários aos padrões atuais, e eliminação de artificiais fixos, perfeitamente factíveis em livre, hoje em dia, em função das modernas técnicas de escalada e dos soldados superaderentes.

Anos 70 – o desenvolvimento da escalada tradicional e o surgimento da escalada “limpa”

No final dos anos 60 e início da década de 70, a escalada em Petrópolis ainda não era muito difundida, apesar de o CEP constantemente promover exposições de equipamento de escalada, de fotografias e realizar demonstrações de rappel em prédios, como chamariz para a conquista de novos adeptos. Havia poucos escaladores ativos na cidade, entre eles Paulo Lucio, Gilberto Amaro, Luiz Carlos Vogel e Roberto Brand. Do pequeno número de vias de escalada existentes no município, destacavam-se os paredões 15 de Maio, Kim-Kim, Vogel, Ana Paula e a Fissura Vera Regina. E a escalada em Petrópolis já não seguia o mesmo ritmo visto até por volta de 1968. Mas, logo na transição de uma década para a outra, a famosa dupla “JJ”, composta por Luis Cláudio Jatobá e João Ferreira Barbosa - o “Joãozinho”, viria para mudar esta realidade e realizar as conquistas tecnicamente mais difíceis e ousadas de até então. Surgia no CEP, mais uma vez, uma geração de escaladores, composta apenas por duas pessoas, que logo se lançariam às primeiras conquistas, representando um verdadeiro “divisor de águas” no desenvolvimento da escalada na cidade.

Naquela ocasião, os blocos do Morro Meu Castelo eram muitíssimo freqüentados - local onde o CEP realizou suas primeiras conquistas, em vias curtas de no máximo 15 m de extensão. Eram os chamados “exercícios”, reconhecidos por números, como o “Exercício nº 1”, o “nº 2” e assim por diante.

O Centro Excursionista Petropolitano, neste período, reunia mais montanhistas caminhantes do que escaladores propriamente. E, em função disto, mesmo ainda freqüentando o clube, Joãozinho e Jatobá logo abandonaram o compromisso de guiar pelo CEP e foram se dedicar às escaladas e conquistas. Em poucos meses, apenas a dupla “JJ” estaria atuante em Petrópolis, em termos de escalada em rocha.

A filosofia de se conquistar, naquele tempo, ainda era bastante diferente da de hoje, até mesmo pelas próprias deficiências de acesso ao material técnico. Existia, como atualmente, o processo de “leitura” da rota, estudando-se, de baixo, por onde se iria passar, fazendo uso do máximo de recursos naturais que a própria rocha oferecia, como vegetação, platôs e grandes fendas.

A grampeação seguia um padrão, cuja distância entre os grampos variava entre 5 a 7 m. Este, aliás, era o mesmo tamanho da cordada, ou seja, o espaço de corda que separava um escalador do outro.

Na ocasião, bastava ir até o ferreiro e pedir que cortasse bengalas de caminhão para fabricar os punhos; qualquer pedaço de ferro era um grampo em potencial; fazia-se o contra-pino (para tirar a broca de dentro do punho quando quebrasse - o que era bastante comum) e partia-se para a pedra. À medida que se batia a talhadeira contra a rocha, a broca entrava cada vez mais no punho. Quando não quebrava ali dentro, não saía mais porque passava do buraco onde se inseria o contra-pino que fazia com que a broca fosse ejetada. Diante de toda essa dificuldade, os grampos enormes, tanto em espessura quanto em comprimento, foram sendo paulatinamente substituídos por grampos mais finos e curtos. Os grampos intermediários e de progressão ou “ataque”, que até então eram sempre de 1/2”, passaram a ser trocados por grampos de 3/8” e 5/16”.

Para se posicionar na parede vertical e fixar grampos, o conquistador podia subir encima de um gravatá, ou no grampo imediatamente abaixo, u, ainda, apoiar-se com cordinhas e fitas em bicos de pedra e pequenos arbustos, para bater rapidamente um grampo de 5/16” x 1,5 cm e, assim, ganhar altura.

As brocas eram sempre improvisadas e, por vezes, diferentes do próprio diâmetro do grampo. A junção espessura do grampo versus espessura da broca ficava sempre na base da tentativa. Aos poucos é que foram aparecendo as primeiras brocas de boa qualidade. As macetas começaram a serem substituídas pelas marretas e, depois, pelos martelos com ponta.

Nessa época, o equipamento de escalada era muito precário. Os calçados resumiam-se a “kichutes” e, para quem já estivesse habituado, botas militares. Durante muitos anos, até a chegada das atuais botas e sapatilhas de escalada em 1984, experimentou-se diversos tipos de calçados, como sapatinhos do tipo “Mocassin”, botas com solado de pneu de automóvel e diversos tênis do tipo “AllStar”, “Bamba” e “Conguinha”, entre outros. Ainda na década de 70, quem tinha um pouco mais de sorte conseguia obter os solados “Vibram”, através de alguém que enviava do exterior. Este solado durava vários anos. Quando a bota acabava, arrancava-se o “Vibram” para reutilizá-lo em outra bota. Era preciso retirar o solado original desta e aplicar uma chapa de couro para, nela, aparafusar-se o “Vibram” que, certamente, ainda serviria para mais uma ou duas trocas.

As cordas de cânhamo eram as mais resistentes e, assim como as de sisal, eram por demais pesadas. Quando molhadas, praticamente tinha-se que jogá-las fora, pois a tendência da fibra vegetal seria apodrecer. No entanto, devido às dificuldades da época em se conseguir material, a corda era

simplesmente secada ao sol; e seu uso, continuado. Até que se descobriu que a “Casa Tubarão”, no Rio, vendia cordas de nylon torcido, de ½” de diâmetro - mais leves, resistentes e seguras, mas que ainda não representavam o ideal. Bastavam algumas descidas através dela, com o freio oito, que a corda virava uma grande espiral.

As “cadeirinhas”, ou baudriers, eram conhecidas a partir de fotografias e livros importados. Assim, na base do improvisado, ia-se tentando outros materiais paliativos que pudessem ser utilizados para fabricá-las, à moda brasileira. Utilizou-se desde cintas grossas, fixadas com arrebites, feitas com polias de máquinas industriais; e equipamento militar, utilizado por pára-quedistas, até cintos de segurança empregados em automóveis.

Conseguir um simples mosquetão era privilégio de poucos. Se não fossem os importados, conseguia-se obter apenas os de ferro, em forma de pêra e sem rosca, utilizados por marinheiros. Também, chegou-se a utilizar cadeados para afivelar os cintos e cujas chaves eram carregadas no bolso do escalador! E, por fim, o cabo extensor, ou de ancoragem, era uma simples cordinha de sisal ou nylon. Resumia-se, a isto, todo o material utilizado por uma cordada durante uma escalada.

Enquanto isso, os jovens aprendizes Jatobá e Joãozinho, autodidatas por opção, já haviam iniciado a conquista do Paredão JJ, que logo foi interditada. Existia um rigor muito grande, por parte do CEP, no sentido de fiscalizar as conquistas que estavam sendo feitas na cidade, principalmente em relação à qualidade da proteção que nelas estaria sendo empregada. Houve um dia em que Jatobá, naturalmente, cometeu um erro durante a grampeação da via e sofreu um pequeno acidente em função do desprendimento de um grampo, o que foi suficiente para que Paulo Lucio da Cruz Loureiro - então o Diretor Técnico do CEP - ordenasse a paralisação da conquista.

Não satisfeita com a medida de segurança adotada pelo CEP, a dupla, na “clandestinidade”, segundo eles próprios diziam, correu para conquistar o El Toro.

Nessa época, os conquistadores do El Toro já possuíam uma noção mais clara sobre a oferta de equipamentos modernos e sua utilização, apesar de estes ainda serem de difícil aquisição. Já sabiam que se escalava com botas mais maleáveis, tipo tênis, e os “cintos” de polia já haviam progredido para os feitos com nylon. Já existiam as cordas de nylon “entubado”, com a construção capa e alma, e, no “boca-a-boca”, as pessoas envolvidas com escalada passavam estas inovações umas às outras. A informação sobre a escalada era muito escassa e era comum os escaladores escreverem para os fabricantes internacionais de equipamento, solicitando que enviassem catálogos de seus produtos. Também, quando alguém eventualmente viajava para o exterior, trazia consigo catálogos, livros e algum equipamento de escalada. Desta forma, chegaram ao Brasil os primeiros utensílios próprios para este esporte, entre cordas, botas, mosquetões e outros.

Assim, a conquista do Paredão El Toro marcou o início de uma geração de escaladores com melhores equipamentos, mais avançados e aprimorados. Já não existia mais o conceito de se escalar apenas 5 metros e logo fixar um grampo por causa da cordada padronizada. Escalava-se até onde dava e, quando se achava que estava começando a ficar inseguro, colocava-se um grampo. O El Toro, à época de sua conquista e antes de sua regrampeação e reestilização no ano de 2000, já possuía um espaçamento entre os grampos bastante diferente daquele com o qual os escaladores já estavam habituados, nas escaladas mais antigas. Começava-se, aí, uma grande mudança no modo de se escalar, onde não se fazia mais o lance-a-lance, mas, passava-se a esticar quase que a totalidade da corda, quando não ela por completo, e então parar para “chamar” o parceiro.

Outro costume da época que aos poucos foi sendo mudado era o de se escalar a parte principal da parede, ou seja, a mais “atraente”, e depois não se preocupar com os costões finais - então menos interessantes. É claro, durante a conquista, atingia-se o cume uma única vez. O importante, sem dúvida, era chegar ao topo e colocar os pés lá em cima. Mas não havia a preocupação em fixar grampos ou preparar a escalada para futuras repetições até o cume. O próprio Paredão Giabra seria um exemplo disto. Existia, em seus costões finais, apenas um cabo-de-aço. Ora, era muito mais fácil fazer apenas um furo, fixar um único grampo e esticar um cabo, do que fazer vários furos para colocar vários grampos. O cabo, na realidade, funcionava mais como um apoio para facilitar as pessoas na saída da escalada, principalmente àqueles que fossem mais velhos ou não possuíssem a mesma agilidade que os outros tinham.

Foram necessárias várias investidas para concluir a conquista do El Toro, o que foi acontecer no fim de 1970. Durante a conquista, aprendeu-se e praticou-se muito das filosofias e técnicas da escalada emergente. Conquistar uma rota passou a ser não somente traçar uma linha e subir, mas chegar a um pedaço de pedra, começar a escalá-lo e, se no meio do caminho fosse encontrada alguma dificuldade que impedisse a progressão, tentava-se transpô-la caindo uma, duas, três vezes, antes de utilizar os

meios artificiais. Naquela época começou a haver a preocupação em aplicar, na escalada, toda a técnica, maleabilidade do equipamento e trocas rápidas de mosquetão.

Começou a ser adotado o novo padrão de cordada, saindo dos 5 a 7 metros, presente somente no início da conquista do El Toro, mas abolido totalmente já na conquista do Giabra.

Concluída a conquista do Giabra, uma escalada inaugural foi realizada, com direito a festa com bolo e publicação em um jornal da cidade.

Pouco antes de Joãozinho e Jatobá se afastarem do CEP e pararem completamente de escalar, conheceram Fernando Funchal e Luiz Cordeiro, a quem a dupla “JJ” ministrou um curso de escalada.

Por volta de 1976, Joãozinho, Jatobá e Cordeiro chegaram a empregar, de forma inédita na cidade, a utilização dos primeiros nuts fabricados pelo Cordeiro. Aliás, é importante ressaltar que Cordeiro foi, com sua marca “Falésia”, em Petrópolis, o pioneiro na fabricação de equipamento para escalada. Sua iniciativa, por muitos anos, foi a responsável por garantir um melhor equipamento, que pôde ser empregado na maior parte das conquistas da cidade, até o início dos anos 90 - período em que ainda era comum se ver mosquetões “Falésia”, em pleno uso, assim como os mosquetões “Proalp”, fabricados na segunda metade dos anos 80, por Francisco “Chico” Balter, utilizados por grande parte dos escaladores petropolitanos.

Depois que Jatobá deixou o CEP, por volta de 1978, Luiz Cordeiro e Fernando Funchal permaneceram no clube dando continuidade ao desenvolvimento da escalada na cidade.

A dupla Jatobá e Joãozinho deixou um legado de apenas duas vias concluídas, o El Toro e o Giabra que, por serem belíssimas e proporcionarem uma escalada de alto estilo, até hoje são bastante freqüentadas.

Em 1977, um fato marcante veio a revolucionar o CEP, dando uma guinada na história do desenvolvimento do clube, e da escalada em Petrópolis, por consequência. Depois de um período de grande hostilidade no Centro Excursionista Brasileiro, diversos sócios do CEB se afastaram do clube, no decorrer de poucos meses. Escaladores então bastante jovens, como André Ilha (que já era sócio do CEP desde 74, quando morou em Petrópolis), André “Papel” Sant’Anna, Antonio Carlos “Tonico” Magalhães, Dario dos Santos, dentre outros, além de “novatos promissores”, como os irmãos Giovanni e Sérgio Tartari, ingressaram de uma só vez no Centro Excursionista Petropolitano. Foi feito um acordo informal com o seu então presidente, Mário Penna da Rocha, diante do qual o clube os acolheria, dando-lhes a base necessária para que pudessem operar com respeitabilidade, além de lhes fornecer subsídios para que pudessem se aprimorar, desenvolver a escalada em rocha na cidade e, acima de tudo, provar seus valores como escaladores de ponta que eram.

Este afastamento em bloco, como protesto por um lado, levaria o “estado da arte” ao CEP, por outro, modernizando o clube e trazendo-lhe as técnicas mais atuais e avançadas do esporte.

Nesta época, apesar de o CEP possuir ainda um certo nível de movimento, as técnicas de escalada predominantes não haviam acompanhado as tendências e eram ainda aquelas mesmas utilizadas no início dos anos 70, ou seja, técnicas bastante primitivas em comparação às que já se vinha praticando em outras partes do País. Já em 1977, este mesmo grupo começou a proporcionar as primeiras novas conquistas para o CEP - todas, porém, ainda fora de Petrópolis. Para o ano seguinte, já estava sendo projetado o primeiro curso de guias da história do clube. E, paralelo a isto, começaram a ser promovidas diversas mudanças no material técnico do CEP. Grampos inseguros, de tarugo e argolinha, foram substituídos por grampos de olhal quadrado e com diâmetros maiores; cordas do tipo “bacalhau” foram trocadas por cordas de perlon (as precursoras das atuais cordas dinâmicas), entre outros. Este grupo passou a freqüentar o CEP assiduamente, levando uma série de técnicas novas ao clube.

Entre 1977 e 78, foi realizado então o curso de guias, dentro destas novas bases do clube, reunindo não só este grupo de jovens entusiastas do Rio, mas também escaladores petropolitanos, como Aílton Lima e Wanderlei Stumpf.

Sem dúvida, o principal acontecimento no CEP nesta época foi a realização, com sucesso, deste curso de guias, além de um curso de adestramento (como eram então chamados os cursos básicos de escalada) - o segundo da história do clube. A consequência imediata destes cursos foi o aumento vertiginoso do número de excursões e de participantes, e uma proveitosa discussão de técnicas de escalada, por parte de todos. Excursões com 15 pessoas, ou mesmo mais, tornaram-se freqüentes, e uma grande variedade na programação fez com que diversos locais e escaladas, até então desconhecidos por membros do clube, passassem a ser conhecidos e freqüentados.

Concluído este curso de guias, o CEP indicou três de seus melhores escaladores da época - André Ilha, Antonio Carlos Magalhães e Dario dos Santos, ao desafio de lançarem-se à candidatura do título de guia da extinta FMERJ - Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro.

Mas, um outro fato, no mínimo curioso, aconteceu nesta ocasião. Primeiramente, alguns dos instrutores da FMERJ tentaram impedi-los a se candidatarem a guias da extinta Federação, com o argumento de que eram loucos e irresponsáveis. No entanto, uma outra parte da FMERJ apoiou a participação deste grupo nas provas de guia, afinal, o CEP, como membro filiado, tinha todo o direito a tal. Por fim, ficou combinado que estes três escaladores provariam, no decorrer das provas, se teriam condições de ganhar o título de guias, através da Federação.

E o mais interessante foi que justamente os três escaladores candidatos, indicados pelo CEP - André Ilha, Antonio Carlos Magalhães e Dario dos Santos foram os detentores dos três primeiros lugares no curso de guias da FMERJ. O CEP passou a ser visto, em todo o cenário do montanhismo fluminense - mais especificamente no cenário carioca que já era o mais forte de todo o País - como um clube de elite, reunindo uma verdadeira nata da escalada. O Centro Excursionista Petropolitano e seus escaladores, desde então, começaram a despertar uma profunda admiração. Este fato, aliado às notícias das repetições que faziam das vias mais difíceis da época, além de suas próprias conquistas em Petrópolis e em outros centros de escalada, fez com que o CEP, antes olhado apenas com uma simpática complacência pelos escaladores cariocas, passasse a se tornar tremendamente respeitado por todos.

Enquanto isso, estavam despontando alguns escaladores locais promissores - Wanderlei, Aílton, César Delgado, entre outros - que formaram o embrião de uma nova e talentosa geração local, que depois veio a ser sucedida por outra e depois mais outras que, sem interrupções, fizeram com que Petrópolis nunca mais perdesse a credibilidade e passasse a ser reconhecida como uma cidade com um grande número de escaladores arrojados e talentosos.

Novas conquistas continuaram a serem feitas por esta turma, principalmente por André Ilha e Antonio Carlos Magalhães. Diversas vias, de dificuldade progressivamente mais elevada, foram concebidas, levando mais adiante o conceito de escalada limpa. Escaladas mais engajadas, difíceis e complexas, com o uso de material móvel sempre que possível, tornaram-se constantes.

Ao mesmo tempo, as principais e mais difíceis escaladas da época continuaram a ser sistematicamente repetidas em nome do CEP. André Ilha, Antonio Carlos Magalhães, Wanderlei Stumpf, entre outros, lançaram-se à conquista de diversas novas vias na cidade. Conquistas estas nas quais, desde muito cedo, passou-se a praticar, de forma inédita no País, a utilização de material móvel. Nuts, hexentrics e stoppers, num primeiro momento, culminando com os friends. Foram buscados novos lugares que possuísem fendas, para que fossem conquistadas da forma mais limpa possível, não deixando marcas na rocha - um estilo puro e, por que não dizer, elegante.

A década de 70 terminou com esta transformação consolidada e com um número imenso, pelos padrões da época, de novas conquistas de grande qualidade. Duas delas ocorreram em Petrópolis, ambas com a marca de um escalador local, Wanderlei Stumpf: a Face Norte do Mãe D'Água [5º Vsup (A0(1)/VIIb)], em 1979, feita com André Ilha - uma escalada longa e exigente, toda protegida com grampos, conquistada num espírito bastante aventureiro para a época e de uma dificuldade bem elevada para os padrões vigentes; e a Face Oeste da Pedra do Cone (3º IIsup), conquistada cerca de 2 meses depois, junto a César Delgado, e na qual foram utilizadas diversas proteções móveis, compostas por nuts, sempre que possível. Neste período, várias conquistas com o uso de material móvel já vinham sendo feitas também em outras partes do Estado, principalmente por André Ilha e "Tonico" Magalhães. Fora de Petrópolis, as principais realizações deste grupo foram quase todas na cidade do Rio de Janeiro, como a Face Norte do Perdido do Andaraí, a Face Oposta do Escalavrado, os paredões Gênesis e Apocalipse, a Fissura Tropical, o Diedro Pégaso e os paredões Iemanjá e Ás de Espadas, além da Aresta Leste da Agulha Guarischi, em Niterói - primeira via de elevada dificuldade técnica a ser totalmente protegida por nuts. Aliás, graças à ação combinada dos escaladores locais e dos "cariocas" que então subiam a serra religiosamente, todas as semanas, o nome de Petrópolis ficou associado à vanguarda no uso de material móvel (nuts e friends), para proteção sempre que possível. Bem como também ficou associado à eliminação de pontos de apoio artificiais em escaladas já existentes, com base no conceito de "MEPA" - Máxima Eliminação de Pontos de Apoio, fator impulsionador de um grande salto no nível técnico geral, que consistia em se tentar fazer inteiramente, ou o mais em livre possível, vias conquistadas com um ou mais grampos usados como ponto de apoio direto na progressão. Um dos exemplos disto, no final dos anos 70, foi a modernização do Paredão Giabra, antes feito quase todo em artificial fixo de grampos e cabos-de-aço. Os cabos foram retirados e a grampeação foi toda remodelada de modo a possibilitar a escalada em livre. Com isto, o Paredão Giabra tornou-se a grande sensação do momento.

.... Continua no próximo boletim.

NOTAS

MOUNTAIN VOICES conquista a 100ª edição

Desde 1990, o informativo Mountain Voices registra os principais fatos protagonizados por montanhistas e escaladores que fizeram história no excursionismo, do Marumbi ao Roraima, dos picos gelados ao granito vertical, sendo hoje, o mais importante veículo de comunicação do montanhismo brasileiro. Aos editores, a família Frechou, nossos sinceros agradecimentos por compartilhar esses 18 anos de aventuras com tamanho profissionalismo e competência.

Novo Guia de Escaladas no Rio de Janeiro

O veterano escalador Sérgio Tartari, o Serginho, fará o lançamento do GUIA DE ESCALADAS DA REGIÃO DOS TRÊS PICOS, de sua autoria, na sede do Centro Excursionista Rio de Janeiro, no dia 11 de março de 2008, às 19h30min. O CERJ fica na Av. Rio Branco, 277/805, Edifício São Borja, na Cinelândia.

ATM 2008

A FEMERJ convida a todos para participar do consagrado evento anual que marca o início da temporada de montanhismo, que irá acontecer no dia 27 de abril, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Além das atrações previstas pela organização da abertura de temporada, o CEP contará com uma barraca onde os excursionistas poderão se reunir e saber mais sobre os 50 anos de existência do clube serrano, e adquirir os convites da festa que será realizada no dia 17 de Maio, em Petrópolis. Contamos com a presença de todos!

Recuperação de vias de escalada

Em parceria com a Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro, foram iniciados os trabalhos de troca de grampos em Petrópolis. Paulinho, diretor técnico do CEP, informa que nessa primeira etapa foram substituídos grampos em mau estado das vias VOGEL, no Morro da Formiga, e APUMANQUE, na Pedra do Cortiço, cujos trabalhos já foram finalizados, tornando as vias mais seguras e atrativas. Alguns lances das escaladas foram atualizados e reestilizados, com a colocação das proteções em pontos que minimizam atrito da corda, suavizando o zig-zag, sem que isso comprometa as características originais das vias, como o grau de dificuldade e o traçado. Outra via está sendo atualizada na Pedra do Cortiço, o Paredão 15 de Maio, lendária via clássica, com intuito de torná-la mais uma opção de via na Serra da Estrela. As excursões tiveram a participação dos escaladores Luciano Bender, Waldyr, Marcel, Paulinho, Caio Freitas e Fernandes. Os trabalhos técnicos irão continuar durante todo ano, nos quais serão beneficiadas outras vias de escalada no município.

GT Acesso às montanhas

Conforme divulgamos na lista recentemente, o CEP propôs a criação de um GT na FEMERJ para tratar do tema de acesso. Como a proposta foi aceita, ficamos, nós o CEP, responsáveis pelo GT. Assim, encaminhamos uma minuta do início do trabalho para avaliação inicial na lista do CEP. Somente depois de termos uma proposta consolidada no CEP é que vamos dar andamento no GT da FEMERJ. Para consolidar nossa proposta, convocamos a todos para discutir esta minuta no dia 15/03/08, às 17:00 horas no CEP.

CURSOS

Curso de Guias 2008

No dia 23 de fevereiro foi realizada a aula inaugural do curso de guias do CEP, na sede da Sociedade Petropolitana de Fotografia, a SOPEF, gentilmente cedida pela direção. O Instrutor de Esportes Radicais e Guia de Montanha, D. Côrtes, ministrou as aulas de Orientação e Topografia, cuja eficácia ficou comprovada pelo bom aproveitamento demonstrado pelos alunos na aula de campo, conhecimento que será abordado transversalmente com as outras matérias, nas aulas práticas. A turma de 15 alunos é formada por guias comissionados, jovens escaladores e excursionistas veteranos, o que confere à direção do curso o desafio de nivelar os conhecimentos técnicos dos participantes, sem que deixe de atender as expectativas dos mais experientes.

Aos aspirantes a Guia de Montanha, o nosso lema: "Sempre em Frente".

Curso Básico de Escalada

Em Maio, será realizado o primeiro CBE de 2008. Para mais informações sobre a programação do curso, os interessados devem procurar a administração do CEP a partir do dia 1º de abril. É sério!

Curso de Fotografia na SOPEF

Estão abertas as inscrições para o 35º Curso de Iniciação à Arte Fotográfica, promovido pela Sociedade Petropolitana de Fotografia, sediada na Rua 16 de Março, 142 s/lj 1A. A aula de abertura será dia 08 de Abril e a programação se estende até o dia 15 de Maio. Informações: sopefe@gmail.com ou pelo tel. 24-2245-8292 – Evaldo.